

A QUESTÃO DA DESIGUALDADE NO BRASIL: COMO ESTAMOS, COMO A POPULAÇÃO PENSA E O QUE PRECISAMOS FAZER

Pedro Cavalcante

Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental (EPPGG) do Ministério da Economia (ME), atualmente lotado na Diretoria de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia (Diest) do Ipea.

DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/td2593>

A despeito do crescente processo de democratização, com mais competição política, acesso à informação e participação social no processo decisório, o problema da desigualdade social persiste e seu combate vem apresentando resultados abaixo do esperado. Se o campo de estudo avançou nas investigações acerca do diagnóstico, de suas origens e seus efeitos deletérios à economia e à sociedade, como se explica essa situação paradoxal de amplo reconhecimento do problema e baixa capacidade de resolução? Uma estratégia analítica alternativa para abordar a questão é analisar como a sociedade entende e se posiciona sobre o problema, suas causas e soluções possíveis. Embora essa ênfase ainda seja incipiente e pouco explorada nas ciências sociais (Lavinias *et al.*, 2014), esse tipo de abordagem é relevante para a compreensão sobre as restrições e possibilidades do apoio da população e, conseqüente, priorização do tema na agenda governamental.

Nesse contexto, este texto para discussão visa contribuir para o avanço do estudo desse fenômeno a partir de uma perspectiva comparada entre as opiniões dos cidadãos brasileiros acerca das desigualdades e suas convergências e/ou divergências, e o conhecimento especializado sobre o conceito, diagnóstico, causas e alternativas de ações governamentais de enfrentamento ao problema. O objetivo principal é analisar se existem adequações nas percepções da população brasileira, em seus diferentes grupos de renda, com a informações científicas. Para tanto, o texto compara os resultados da pesquisa *Desigualdade no Brasil*, de Oxfam Brasil e Datafolha, realizada em 2017 e 2019, em todo o território nacional, sobre o diagnóstico, causas e soluções com os achados da literatura produzida por acadêmicos nacionais e internacionais sobre o tema (Oxfam Brasil e Datafolha, 2017; 2019).

Em geral, os resultados foram bastante instigantes. Primeiro, as análises demonstraram alinhamento entre conhecimento popular e o campo de estudo, no que tange aos conceitos e ao diagnóstico do problema no

país. A maioria da população também concorda que se trata de uma responsabilidade estatal atacar a alta concentração de renda, via investimentos e políticas públicas, embora o pessimismo prevaleça tanto em relação à situação quanto à capacidade do Estado em modificar o *status quo* a partir das medidas que foram tomadas pelo governo. Em boa medida, essas previsões negativas da população se concretizaram, conforme os estudos mais recentes vêm comprovando, ou seja, passada a década dourada (2003-2013), parece que os impactos positivos sobre os indicadores sociais advindos de uma conjuntura econômica global favorável às nações emergentes foram temporários, e agora caminham no sentido contrário (Piketty, Saez e Zucman, 2018; Cepal, 2018; Oxfam Brasil, 2018; 2019).

No que tange às razões da desigualdade, novamente, convergente com o conhecimento científico, o olhar multicausal do fenômeno predomina nos cidadãos, que elencam o desemprego, a precariedade do sistema educacional e a corrupção como os principais vilões. Porém, o ordenamento desses fatores tende a variar conforme os grupos de renda dos respondentes, isto é, seguindo o mesmo padrão divergente já identificado nas pesquisas focadas nas elites do país (Reis, 2000; Silva *et al.*, 2018). Nas soluções, como esperado, as alternativas consistem no espelho das causas, ou seja, bem heterogêneas e alinhadas às recomendações dos acadêmicos e organismos multilaterais que atuam no campo. Da mesma forma, a ênfase da população mais pobre se volta ao emprego e aos investimentos governamentais em saúde e assistência social, enquanto a elite deposita as fichas na educação e no combate à corrupção. Em outras palavras, enquanto os primeiros preferem políticas públicas com efeitos imediatos no seu dia a dia, os mais ricos se inclinam para soluções sem custos diretos a eles.

Na dimensão da tributação também merece destaque, haja vista que os brasileiros se contradizem ao defenderem mais investimentos públicos em políticas

sociais, porém são opositores de aumento da carga tributária. Além disso, defendem a progressividade dos impostos — isto é, os mais ricos pagando mais taxas —, contudo, tendem a se excluir deste segmento populacional, ou seja, “os ricos são os outros”, mesmo que as estatísticas demonstrem o contrário.

Portanto, esta análise alcançou sua finalidade ao abordar o problema da desigualdade no Brasil a partir de uma estratégia analítica original no caso brasileiro, o que trouxe reflexões novas para o avanço da compreensão sobre esse fenômeno complexo e dinâmico, mas também para qualificar o debate sobre os limites e possibilidades de enfrentamento por parte da administração pública. Isso possibilita ainda entendermos como a desigualdade é reproduzida e/ou como pode ser transformada. Analisar as preferências e os posicionamentos dos cidadãos ajuda a avaliar os possíveis apoios e/ou barreiras às iniciativas de líderes políticos e dirigentes públicos de inserção desse problema na agenda governamental e, principalmente, à capacidade de avançar na implementação de propostas de soluções.

REFERÊNCIAS

CEPAL — COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E O CARIBE. **Panorama social da América Latina 2017**. Santiago: Cepal, 2018. 33 p.

LAVINAS, L. *et al.* **Percepções sobre desigualdade e pobreza**: o que pensam os brasileiros da política social. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2014.

OXFAM BRASIL. **País estagnado**: um retrato das desigualdades brasileiras. São Paulo: Oxfam Brasil, 2018.

_____. **Public good or private wealth? Methodology note**. São Paulo: Oxfam Brasil, 2019.

OXFAM BRASIL; DATAFOLHA. **Nós e as desigualdades**: percepções sobre desigualdades no Brasil. São Paulo: Oxfam Brasil; Datafolha, 2017.

_____. **Nós e as desigualdades**: percepções sobre desigualdades no Brasil. São Paulo: Oxfam Brasil; Datafolha, 2019.

PIKETTY, T.; SAEZ, E.; ZUCMAN, G. **World inequality report 2018**. Paris: World Inequality Lab, 2018.

REIS, E. P. Percepções da elite sobre pobreza e desigualdade. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 15, n. 42, p. 143-152, 2000.

SILVA, G. M. *et al.* **Elites' Perceptions of Inequality**. UNRISD CONFERENCE OVERCOMING INEQUALITIES IN A FRACTURED WORLD: BETWEEN ELITE POWER AND SOCIAL MOBILIZATION, 2018, Geneva, Switzerland. **Anais...** Geneva: UNRISD, 8-9 nov. 2018.

SUMÁRIO EXECUTIVO